

# Um documentário

## da Africa portuguesa

Pais de coloniais e de cinéfilos, Portugal não produziu ainda um filme colonial que mostrasse ao mundo um pedaço da Africa portuguesa.

Precisamos de galvanizar com a ideia do Portugal colonial os novos da nossa terra, de maneira a criar uma «opinião» colonial, forte e consciente, empreendedora e audaz, que não permita apêtitos nem vexames às províncias ultramarinas portuguesas.

É necessário, inculcar o optimismo na mocidade portuguesa, mas para que esse optimismo não seja ócio, é preciso que nele haja ideias com inteira finalidade. É absolutamente urgente traçar directrizes nas quais se finalize o seu «querer», deixando de ser a mocidade «velha» e petulante para ser aquela outra chela de fé e entusiasmo que representa a verdadeira vida.

O cinema moderno, instrumento precioso de orientação e cultura, tem um lugar preponderante na «integração colonial» da nossa juventude. Porque o cinema não limita o seu campo de acção nos filmes alegres e admiráveis como *O Congresso que dança*, e vai até à Malásia, à Africa, etc., dando-nos esses formidáveis documentários coloniais, como *Chang*, *Rango*, *Voz de Africa*, etc. que todos nós vimos. Pois não têm os documentários uma grande preferência, como disse a *Imagem*, em resultado dum inquérito? Aproveitemos essa preferência.

Que admiráveis filmes os realizadores portugueses poderiam dar-nos, se se dignassem olhar para a história, para a natureza, para os costumes da nossa Africa! Desde a campanha homérica dos vátuas à chacina trágica do Cuangar, desde as florestas brutais do Zaïre à paisagem suave dos planaltos, desde a impetuosidade guerreira dos «landins» à beleza estranha das mulheres «luenas», que conjunto formidável de motivos estão à sua disposição, onde podem buscar assuntos para os seus filmes, em terras da sua Pátria, tão insuficientemente conhecida de seus filhos, como o fez o pintor Borradas, para os seus admiráveis quadros.

Trazer para os olhos dos portugueses comodistas, a vida de além-mar, chicotear, com essa lição admirável o seu carácter apático de falhados, é um dever que se impõe aos realizadores portugueses, que sentem, além do materialismo do ganho, o dever de fazer algo por Portugal.

A *Imagem* que tantas campanhas sãs tem agitado, não deixará de certo de colaborar connosco, com o seu entusiasmo sempre moço, nesta campanha nacionalista para a realização de filmes portugueses sobre motivos africanos, agora que parece caminhar-se para uma coordenação do problema cinematográfico português. Assim o cremos, pois nas suas páginas foi já focado o assunto.